

# Alguns fatos e hipóteses em torno do panorama do Rio de Janeiro (Paris 1824) e suas atribuições básicas a A. F. E. Taunay e a L. S. Meunié\*

Mário Barata

Comitê Brasileiro de História da Arte

Já em 1993, em Colóquio de História da Arte realizado pelo Comitê Brasileiro de História da Arte, Margareth da Silva Pereira tratou do *Panorama do Rio de Janeiro*, conservado pela família Meunié e revelado em texto, com reproduções, por Marguerite David Roy (1990), na Bélgica. Todavia, o ensaio de Margareth Pereira só circularia, refundido e ampliado, em número anterior destes *Anais do Museu Paulista. História e cultura material* (Pereira 1994). Aí esta estudiosa apresenta a hipótese de possível dupla autoria do panorama ou aventa, paralelamente, a discussão da própria autoria das aquarelas que serviram de base para o panorama apresentado em Paris, em 1824. É sobretudo essa questão que, agora, a título de contribuição analítica, examinarei mais um pouco nesta comunicação.

As posições sucessivas de informações de Hippolyte Taunay<sup>1</sup>, do Visconde de Taunay (falecido em 1899)<sup>2</sup> e do artigo de Affonso d'Escragnolle Taunay sobre esse panorama, em 1941, avalizam suficientemente a informação de autoria básica por Félix Émile Taunay.

O livro publicado em Paris, em 1824, de autoria de Hippolyte Taunay e Ferdinand Denis, com o título *Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro* (Taunay & Denis 1824)<sup>3</sup>, já em 1881 era uma base para o catálogo da Exposição de História do Brasil, então realizada pela Biblioteca Nacional, afirmar, ao falar de "Panorama do Rio de Janeiro", no verbete 17041, que a gravura apresentada nessa mostra foi feita

"segundo o panorama pintado por G. P. Ronmy pelos desenhos de Felix Emílio Taunay (Barão de Taunay), enviados do Rio de Janeiro, exposto no boulevard Montmartre em Paris" (1881-1882).

\* Comunicação apresentada à sessão 'Pesquisas em andamento', do XIX Colóquio Brasileiro de História da Arte, organizado pelo CBHA (Comitê Brasileiro de História da Arte), São Paulo, 1996.

1. Co-autor, em Paris, de uma *Notice historique et explicative*, publicada em 1824. O Prévost, escrevendo aí em anexo, é Jean Prévost de família ligada à aludida rotunda de panoramas parisiense.

2. Com referência à autoria de seu pai (Félix Émile), em texto só publicado em 1921, em *Trechos de minha vida* (Visconde de Taunay 1921).

3. O livro de 1824 não existe na Biblioteca Nacional. Dele há exemplar no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (coleção Yan de Almeida Prado).

Por coincidência, estávamos no último ano de vida desse importante Taunay, que de 1834 a 1851 exerceu uma direção marcante e afirmativa para a ampliação e a consolidação da antiga Academia Imperial de Belas Artes, além de nela ter sido, desde 1824, professor de pintura de paisagem.

Também de 1824 é datado na França o "12e prélude/le Brésil", de livro publicado em Lyon, de autoria do Com<sup>te</sup> Jean de Loy. Houve dele edição no Rio de Janeiro, por Plancher, em 1825. O historiador Affonso d'Escragnolle Taunay, no seu *Missão artística francesa* informa:

"As notas da edição francesa referem-se ao belo panorama da baía do Rio, exposto no Boulevard des Capucines e executado sobre os desenhos de Felix Taunay" (Taunay 1956).

A fixação de 1824 como sendo o ano em que o *Panorama do Rio de Janeiro* estava exposto em Paris é útil e foi seguida por comentadores como Gilberto Ferrez e Margareth da Silva Pereira, entre outros, independentemente das hesitações que têm ocorrido sobre o ano em que foram feitos no Rio os desenhos do *Panorama* e o de seu envio a Paris. O historiador A. d'E. Taunay, em seu artigo no *Jornal do Commercio* (Taunay 1941) coloca no título ser o Panorama de 1821, embora fale em 1823 no interior do texto. Repete isso no seu estudo ampliado sobre o tema, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Taunay 1949). Affonso d'E. Taunay previu nesses textos que um dia poderiam surgir os desenhos originais de seu avô, para o *Panorama*, que ele diz serem de grande formato.

Finalmente, em 1990, surge na Europa, na publicação *Archives d'architecture moderne*, sob o título "Rio de Janeiro vu par l'architecte Louis-Symphorien Meunié (1795-1871)", o artigo escrito por M. David Roy (1990) sobre oito aquarelas (medindo cada uma 0,51m x 0,39m) e divulgando fotografias do Panorama realizadas por Dominique Delaunay com atribuição ao arquiteto Meunié. A autora, que é membro da família desse arquiteto, baseia-se, em relação à Missão Artística Francesa, na exposição sobre Grandjean de Montigny, realizada em Paris em 1988, incluindo no catálogo, entre os textos, o de R. Coustet, autor também de um estudo sobre Grandjean e o urbanismo neoclássico no Rio. A Sra. David Roy desconhecia a existência de um panorama equivalente, ampliado para uma das rotundas especializadas do Paris da época. Ela cita categoricamente Meunié como autor das aquarelas por ele conservadas. Mas isso é duvidoso. A caligrafia das anotações tipográficas e a de uma observação individual no verso da primeira aquarela terão de ser estudadas. O próprio texto desta última observação se liga a uma orientação profissional de F. E. Taunay. Sendo ele um dos principais autores dos Estatutos da Academia de Belas Artes, de 1826, no Rio, deve ter contribuído para a indicação, neles existente, de que o

"professor da classe de paisagem ensinará a teoria, explicando os preceitos da perspectiva aérea e o efeito da luz nas diversas horas do dia"...

O não aparecimento de um conjunto de aquarelas diferentes e com a indicação de procedência 'F. E. Taunay', impede praticamente, até agora, a

elaboração de hipótese de serem duas as obras desenhadas no mesmo local e ocasião. Caso a caligrafia da referida frase e dos dizeres topográficos existentes sejam de F. E. Taunay, o arquiteto Meunié teria sido um depositário do desenho base do *Panorama* e possivelmente um acompanhante da obra de Ronmy e talvez portador das aquarelas para a França, caso essas hajam sido enviadas em 1822.

E existência de quatro estados de uma gravura reduzindo as dimensões da imagem desse panorama comprova a unidade entre o original da coleção Meunié e a imagem exibida em parte dos anos 20 e 30 do século passado em Paris, no mesmo círculo Nepveu-panoramas, responsável pela ocorrência da apresentação de um panorama aumentado do Rio, em rotunda na capital francesa, baseado em desenhos originais de F. E. Taunay.

Essa gravura a água-tinta, edição nos três primeiros estados de Nepveu, foi dada como de autoria do suíço F. Salathé, que trabalhou também em Paris e na Basileia, onde se confeccionou o quarto estado. Estudei recentemente um dos dois exemplares do terceiro estado duplo, que existem na Biblioteca Nacional<sup>4</sup>. Ela é em duas folhas conjugadas e, em pequena parte, retocada a guache. O número de indicações topográficas é menor e às vezes com designações mais curtas do que o existente nos originais da coleção Meunié. Todavia, a aparição da comitiva de Dom Pedro e D. Leopoldina e a posição da arquitetura são similares. A oferta de F. Denis – co-autor do *Guia* da exibição do *Panorama do Rio* em 1824 (que já referi) – é também um indício da ligação da gravura de Salathé com o *Panorama* de F. E. Taunay e, sintomaticamente, com as aquarelas da coleção Meunié.

O desenho da arquitetura é de um sentido volumétrico bem marcado e bem resolvido. Sabe-se que Meunié era arquiteto. Porém a existência de uma litografia com retratos e móveis de Dom Pedro II e suas duas irmãs, em 1834, feita por Lemercier, em Paris, documentadamente sobre desenho ao vivo de Félix Émile Taunay, lito existente no Museu Imperial de Petrópolis, indica ter sido o importante professor sensível às formas construídas” de nexos neoclássico. Ademais, há relações entre uma paisagem de Félix, existente no Museu da Cidade (Rio de Janeiro), aparentemente assinada (c.i.d.), e o citado *Panorama*. Todavia, a caligrafia dos dois artistas permitira uma decisão bastante plausível, até que apareçam novos documentos. A hipótese da co-autoria, lançada por Margareth Pereira, não é desprovida de sentido, sendo Meunié ajudante.

## Agradecimentos

Pela facilitação das pesquisas: à Divisão de Documentos Iconográficos da Biblioteca Nacional, Rio; à Sra. Piedade Grinberg e Centro Cultural do Solar Grandjean de Montigny (PUC/RJ); Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Biblioteca do Museu Nacional de Belas Artes; Sra. Rego Correia, do Museu Imperial, Petrópolis.

## BIBLIOGRAFIA

DE LOY, Com<sup>te</sup> Jean. 12<sup>e</sup> prélude/Le Brésil. Lyon, 1824. (ed. bras. Rio de Janeiro: Plancher, 1825).

- PEREIRA, Margareth da Silva. Romantismo e objetividade: o primeiro panorama do Rio de Janeiro, *Anais do Museu Paulista: História e cultura material*, São Paulo, n.2, p.169-98, jan./dez.1994.
- ROY, Marguerite David. Rio de Janeiro vu par l'architecte Louis Symphorien Meunié (1795-1871), *Archives d'architecture moderne*, Bruxelles, n.40, p.63-72, 1990.
- TAUNAY, Hippolyte, DENIS, Ferdinand. *Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro*. Paris: Nepveu Libraire, 1824.
- TAUNAY, Visconde de. *Trechos da minha vida*. São Paulo: Melhoramentos, 1921. (Editado por A. d'E. Taunay).
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, nov. 1941.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1949.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. *Missão artística francesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: DPHAN, 1956.